

NUNES, Clarice e CARVALHO, Marta. Historiografia da Educação e fontes. Cadernos *ANPEd*, nº 5, set. 1993.

PEREIRA, Ana Paula Alves. As pipiras da fábrica: a operária sob o olhar da sociedade caxiense na década de 1950. In.: *Per-correndo becos e travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias*.(org.) PESSOA, Jordânia Maria e MELO, Salânia Maria Barbosa. Teresina: EDUFPI, 2010.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009. p. 7-16.

ROCHA, Clara. A explosão intimista na época contemporânea. In: ROCHA, Clara. *Máscaras de Narciso*. Coimbra: Almedina, 1992.

SILVA, Ana Ládida da Conceição. Falas da decadência, moralidade e ordem: a “História do Maranhão” de Mário Martins Meireles. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo — USP. 2008.

SILVA, Robson Santos Câmara. Apontamentos sobre as condições de emergência do Associativismo docente no Maranhão. III Seminário da Rede de Pesq. sobre Associativismo e Sind. Dos Trab. Em Educação. 2011.

A BIOGRAFIA COMO LINHA DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: PROCESSO METODOLÓGICO

Karla Colares Vasconcelos

Instituto UFC Virtual

E-mail: karlinha@virtual.ufc.br

Milton Colares Cornélio

Universidade Estadual do Ceará — UECE

E-mail: miltoncolares5@hotmail.com

A História da Educação

Quando falamos em História nos reportamos a uma grande variedade de estudos e comportamentos culturais de uma sociedade, além de nos trazer a tona à memória coletiva de uma civilização (sociedade).

Se formos compreender o que é História da Educação, nos deparamos com o conceito de história e nos leva a pensar em seus domínios. Assim, entendemos que o domínio histórico nada mais, é que o objeto o foco central, o qual nos faz conversar e analisar as fontes das pesquisas históricas, levando-nos com fidelidade ao passado e ao mesmo tempo deixando conectado ao tempo atual, o presente.

Trilhando esse caminho, Martinho Rodrigues (2011) debate sobre os objetivos históricos e os seus diversos campos de estudos, o que refletimos se a História está inserida nos estudos, ou se os estudos é que faz parte da História. E nos indaga as seguintes questões: O que podemos chamar de His-

tória? Qual a natureza, o significado e o alcance da História? Que relação existe entre fonte e memória?

Respondendo essas indagações, Veyne (*apud* Martinho Rodrigues 2011) define História sobre três perspectivas: 1. História não é ciência; 2. História não explica os fatos ou fenômenos que se ocupa; e 3. História não alcança plenamente os fatos. O mesmo autor considera tudo como história, deixando o pesquisador/historiador o critério de escolher o seu objeto de pesquisar, nessa situação ele deve ter ao escolher o fator histórico, que aqui o consideramos como aquilo que induz alguma modificação ou tem alguma representação para a sociedade.

Já Le Goff (2003) define história sendo as relações sobre a qual se testemunha, se indaga, fazendo uma relação daquilo que “eu vi, senti”, que futuramente será transformado em documentos o qual podem testificar os fatos. Indo por esse lado, entendemos que a história é feita pelos fatos e o que nada mais é que as fontes históricas. Assim, esse momento que foi vivenciado podemos chamá-los de fontes orais, que depois documentados chamamos de fontes escritas (fontes documentais).

Por fontes históricas podemos compreender que é a ligação entre o pesquisador/historiador e os fatos, ou seja, são as fontes históricas e juntamente com o pesquisador que tercem e escreve a História. Sales (2011) nos oferece a informação, que o conceito de fontes remete ao século XIV e faz uma comparação das fontes de água com as fontes históricas. Já Martinho Rodrigues (2011) define fontes históricas tudo

que seja produzido pela a humanidade e que possa veicular informações.

Ferreira (2002) defende as fontes orais para compor a história tendo como aliado a memória. Sarlo (2005) escreve que com a chegada das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), na década de 1980, e essas deram um suporte a comunicação e acelerando as chegadas das informações, fazendo assim, proporcionando uma nova ferramenta digital que hoje em dia conhecemos como fontes históricas digitais. Santana (2010) afirma essas fontes estão dentro do nosso pensamento, que Vernandsky (1945) definiu como noosfera. E essas produções são produzidas e guardadas, respectivamente, na tecnosfera e midiosfera. Então podemos definir fontes históricas digitais como artefato que trazem consigo as características culturais e históricas que são produzidas e armazenadas em meios digitais.

Mas, além do objeto histórico, fator histórico e as fontes históricas, devemos nos valer da memória para compor os elementos que ajudarão o historiador/pesquisador a ter a História. Bergson (2010) define memória como a imagem do passado. Já Bosi (2008) determina que a memória como a lembrança cultural da sociedade. Vasconcelos (2010) diz que a memória possui um recorte temporal, o que a divide em duas esferas, a lembrança e o esquecimento e juntas compõe formação da memória. Pollak (1989) defende que tudo que é vivido e sentido se guardam na memória. Para Le Goff (2003) a memória é uma representação do passado, sendo uma história e social. O mesmo autor utiliza a comparação da memória

humana com a memória de computadores, esses sendo a extensão da memória do homem. Já Martinho Rodrigues (2011) diz que a memória constrói a história, e que ela age sobre o passado já vivido.

Ao falarmos sobre a História da Educação podemos defini-la como formal, informal e não formal, e assim, verificaremos que elas acontecem quando:

- a) Caso de sucesso de instituições educativas, Andrade (2011) narra a história da criação do grupo escolar de Fortaleza e o chama de “Templo da Civilização”;
- b) História dos acontecimentos de sucessos da educação, como por exemplo, a história das reformas da educação;
- c) A história de movimentos políticos-culturais, como o caso, que também se destacou no Ceará, a Escola Nova;
- d) A História das ideias pedagógicas, voltadas para o tipo de trabalho realizado no campo educacional. Saviani (2008) pesquisou a trajetória das ideias pedagógicas no Brasil e ressalva ainda no prefácio que “[...] que permite articular, numa compressão de mais amplo alcance” (SAVIANI, 2008, p. xvi);
- e) Diferenciar História de Memória, que fica claro que a primeira está relacionado aos fatos do passado e a outra a construção do que foi vivido; e
- f) História da Educação Informal e Não-formal, para exemplificar esse ponto, utilizaremos o caso que

Vasconcelos (2011) usou a história de vida de Francisco Siqueira de Lima apresentando o recorte temporal nas práticas educativas carcerária.

- g) Personalidades históricas que fizeram parte da História da Educação, como Vasconcelos Júnior (2011) escreve a biografia de Barão de Studart destacando a sua influência para o cenário da geografia cearense.

Compreendemos a História da Educação e que a mesma faz parte da história social. Mas, devemos ainda ter em mente o que é Educação para podermos entender quais as contribuições para a sociedade atual. Martinho Rodrigues (2011) define Educação como sendo a transmissão de técnicas culturais mediante a sociedade. Por cultura concluímos que são os padrões explícitos e implícitos de comportamento, se tornando assim, conjunto de ações e elementos condicionadores da ação posterior. E, que a História serve para contribuir para a transmissão da herança cultural, ou seja, a História da Educação.

A Pesquisa Biográfica

A biografia, autobiografia e história de vida nos apresentam uma perspectiva sociocultural de um personagem histórico de um determinado período (tempo histórico) que nos deu uma grande contribuição e/ou exemplo de vida para assim, tornar pública e relevante a sua história para a sociedade.

Vasconcelos (2011) nos apresenta as ferramentas para se fazer uma biografia é fazer análise da história, memória e as

diferentes ações do biografado. Já Machado (2010) ao biografar Zila diz que a biografia é a compreensão do personagem principal de sua época. Soares (2011) define biografia estando ligada diretamente a biologia e é considerada a grafia da vida.

Ao se realizar uma pesquisa de cunho biográfico, o autor deve ter em mente o processo metodológico de sua pesquisa. Machado (2011) apresenta as metodologias de uma pesquisa biográfica e/ou história de vida, os percursos que devem ser seguidos sendo eles: o personagem principal, o cenário, as fontes históricas, o recorte temporal-biográfico e a narrativa (enredo).

Ao se fazer apresentação do personagem, devemos encontrar o fator histórico e social que levou o biógrafo a escrever, contar/narrar a sua história. Le Goff (2010) ao biografar São Francisco fez um levantamento mostrando autores que já fizeram a mesma biografia, mas o mesmo autor escreveu: “Eu quero o meu São Francisco” (Le Goff, 2010, p.), mostrando assim, os interesses ao biografar o seu personagem.

Ao apresentar o interesse (questão que será destacado ao escrever uma biografia) o autor deve contar quais foram seus feitos que marcou ou marcaram a sociedade e suas contribuições para uma época. Assim, ao biografar um personagem devemos exibi-lo como o centro da história, ou seja, destacar os seus feitos que sobressaíram e que deram contribuições para a sociedade e introduzir o cenário.

O cenário deve ser apresentado em dois momentos, o primeiro deve ser a parte de contextualizar o leitor dos fatos em que a sociedade da época estava vivendo, destacando

do os costumes culturais e as situações políticas, históricas e econômicas.

O outro é a apresentação do cenário do personagem principal, é nesse momento em que o autor irá inserir o personagem principal no cenário geral. Vasconcelos Júnior (2011) nos embasa afirmando que esse cenário é uma forma de “[...] a construção de uma memória mais democrática do passado.” (VASCONCELOS JÚNIOR, 2011, p. 28). Assim, a exposição do cenário deve ser uma apresentação do contexto histórico e social, que é o recorte temporal.

Após apresentar o personagem e o cenário, o autor deve apresentar as fontes históricas de sua pesquisa. Ou seja, o historiador/pesquisador deve procurar documentos históricos (fonte escrita), entrevistas (fonte oral), imagem (foto, vídeo, obras de arte), artefatos históricos e culturais, tudo o que possa ajudar o autor a fazer a biografia de seu personagem.

Com o crescimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) surge uma nova possibilidade de armazenar e guardar fontes históricas que Souza (2010) define como banco de dados. Já Santana (2010) mostra as fontes históricas digitais como uma nova perspectiva de manter e conservar as fontes e o patrimônio histórico e social. Dessa forma, fica mais fácil encontrar e produzir as fontes históricas digitais, Santana afirma que:

[...] é na tecnosfera e miosfera distintas que são produzidas fontes históricas digitais que possibilitam documentar aspectos da História, no entanto, o fluxo constante e contínuo de dados e informações também

se apresentam como obstáculos para o historiador. (SANTANA, 2010, p. 617).

O recorte temporal-histórico é o ponto principal que permitiu o autor tecer a trama da história. Machado (2011) afirma que “[...] a partir de uma rigorosa análise, possibilitam a tecer a trama histórica de cada personagem investigando em sua dimensão temporal e através de suas próprias lentes” (MACHADO, 2011, p.14). Além disso, podemos fazer o recorte temporal-histórico sendo a época de destaque da vida do personagem, ou seja, a saga que será contada ficará em torno do recorte temporal-histórico.

O enredo histórico fica por conta do autor, ou seja, é a narração das fontes históricas coletadas e as possibilidades de apresentar a história do biografado de forma que chegue mais próximo do que foi pesquisado.

Ao contar a vida do personagem, o biógrafo transmite para o leitor a sua visão Foucault (2002) no seu texto *Quem é um autor* discorre sobre essa perspectiva ao se fazer uma biografia. Se a história é feita através dos dados coletados através das fontes, quem então é realmente o autor. É quem está narrando a história ele é o autor, ou o personagem principal (o biografado) é o autor por ter vivido o recorte temporal-histórico que o biógrafo está contando? Para Foucault não existe o autor, mas sim o narrador dos fatos vivenciados pelos personagens.

Já Oliveira (2010) discute sobre o papel do autor como podemos “melhorar” a história acontecida, ele escreve: “[...] mas ela pode ser melhorada o narrador/historiador pode ‘flo-

rear’ um pouco as coisas.” (OLIVEIRA, 2010, p. 706), ou seja, o fato acontecido pode ser narrado com tanta eloquência que, às vezes, o autor transforma o fato escrito diferente do fato vivido.

A visão do autor é quem vai desenvolver a história do personagem, pois a narrativa é parte integrante do enredo. Le Goff (2010) quando biografou São Francisco de Assis, ele fez a narrativa apresentando várias versões históricas, e através dessas versões ele construiu o seu enredo.

Considerações Finais

Através do que foi exposto, discutido e analisado acima, podemos concluir que a História da Educação pode atuar como campo disciplinar em diversas áreas e meios para compor e contar e recontar a narrativa de vários âmbitos da Educação. Assim, podemos entender que ela (a História da Educação) recorre à memória, a oralidade e os documentos para descrever os acontecimentos históricos; e que a Educação é uma forma de transmitir a cultura.

Indo pelos fatos expostos no parágrafo acima, podemos incluir a biografia e as suas metodologias fazem parte e compõem a História da Educação. Realizar uma pesquisa de cunho biográfico é uma forma de apresentar um determinado momento da vida do personagem e as suas contribuições tanto para a Educação como para a História e assim, tecer os fatos e os acontecimentos da História da Educação.

Referências

ANDRADE, F. A. “Templo de Civilização” no Ceará: A Criação do Grupo Escolar em Fortaleza, no Começo do Século XX. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Cultura, Educação, Espaço e Tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 4. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, n° 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FOUCAULT, Michel. *Quem é um Autor?* Lisboa: Passagens/ Veja, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, C.J.S. *Zila Mamede (1928-1985): Passos de uma Pesquisa Biográfica*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Tempo Espaço e Memória da Educação*: Pressupos-

tos Teóricos, Metodológicos e Seus Objetos de Estudo. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. *História, Memória, Fontes e Educação*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Cultura, Educação, Espaço e Tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

OLIVEIRA, J.E. *A Biografia como Ilusão/Invenção: Entre Bourdieu, Antonio Biá e Riobaldo*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Tempo Espaço e Memória da Educação: Pressupostos Teóricos, Metodológicos e Seus Objetos de Estudo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio, Estudos Históricos, n. 3, Memória*. São Paulo: Edições Vértice, 1989.

SALES, J. A. M. *Arquitetura Escolar como Fonte Arqueológica para a História da Educação*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Cultura, Educação, Espaço e Tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

SANTANA, José Rogério. *Metodologia da Pesquisa em História da Educação: Sobre a Produção de Fontes Históricas Através de Recursos Digitais*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Tempo Espaço e Memória da Educação: Pressupostos Teóricos, Metodológicos e Seus Objetos de Estudo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

SAVIANI, Dermeval. *A História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2008.

SARLO, B. Tempo passado. Cultura da Memória e Guinada Subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOARES, E. L. R. *Mãe Baratinha, a Filha de Oxum*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Cultura, Educação, Espaço e Tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

SOUZA, E, C. *Entrevista Narrativa e Pesquisa (Auto)Biográfica: Trajetórias e Percursos de Formação de Educadores Baiano*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Tempo Espaço e Memória da Educação: Pressupostos Teóricos, Metodológicos e Seus Objetos de Estudo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

VASCOCELOS, J. G. *Esquecimento e Sonhos dos Militantes de Esquerda nos Cárceres Políticos no Brasil*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Tempo Espaço e Memória da Educação: Pressupostos Teóricos, Metodológicos e Seus Objetos de Estudo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

VASCONCELOS, José Gerardo; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MACHADO, Charliton José dos Santos. *O Barão e o prisioneiro: biografia e história de vida em debate*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

VERNADSKY, V. I. *La biosfera y La noosfera*. V. 33. USA: American Scientist, 1945.

VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História*. Lisboa: Edições 70, 1987.

O ESCOLANOVISMO DE JOÃO CRAVEIRO COSTA

Iane Campos Martins

É aluna do mestrado em Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde desenvolve a pesquisa intitulada: Positivismo e Escolanovismo: uma leitura sobre a obra educacional de Craveiro Costa.

E-mail: ianecampos@hotmail.com.

Elione Maria Nogueira Diógenes

Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFAL. Orientadora do trabalho: Positivismo e Escolanovismo: uma leitura sobre a obra educacional de Craveiro Costa.

E-mail: elionend@uol.com.br.

Desenhando o Contorno do Tema

Pode-se entender como intelectual o sujeito que detém um vasto conhecimento sobre esse ou aquele aspecto da totalidade social e que expressa isso através da cultura letrada. É possível compreender também como alguém que tentou influenciar de uma forma ou de outra os rumos e rotas sociais, políticas educacionais de uma dada sociedade. Assim, é que se compreende neste trabalho a relevância de João Craveiro Costa (1871-1934) nascido em terras alagoanas. De origem humilde, precisou trabalhar desde cedo devido a perda precoce do pai (quando tinha apenas dez anos de idade). Conforme Silveira (1983, p.35) “Não faria o curso secundário, não